

tribuna da

CIDADE

POR FERNANDO LEMOS



Secretário de Comunicação Social do GDF

O parteiro do futuro

Com o Pólo de Cinema e Vídeo, Brasília deixa de ser, para artistas e cineastas, o símbolo da censura, do tráfico de influência e do baixo astral. Era um estigma: quando se falava em Brasília, os criadores pensavam logo na tesoura da censura, nos políticos corruptos, nas negociações por baixo da mesa. Agora, já se pode falar de Brasília de uma forma luminosa — como uma luz no fundo do túnel da falta de verbas, do desamparo à criação, da falta de memória, do desapego com a cultura.

Quando foi criado o Grupo Executivo do Pólo de Cinema e Vídeo, a discussão foi aberta amplamente: além da representação no Grupo em si, as reuniões foram franqueadas a produtores, artistas e interessados em geral, para que dessem idéias, discutissem os projetos, nos ajudassem a conceituar o Pólo. Todas as entidades, instituições e produtores e/ou criadores independentes foram convocados. O documento final foi consensual, resultado das discussões que tomaram mais de dois meses. Finalmente, chegou-se ao formato considerado ideal, transformado em dois projetos enviados à Câmara Legislativa — um criando o Programa de Desenvolvimento do Pólo de Cinema e Vídeo do DF, outro criando o Conselho Diretor do Programa, além de convênios para formação de mão-de-obra.

Está bem claro, para quem sabe ler, que o Governo não pretende ser dono do Pólo, tanto que o Conselho Diretor é paritário, e que o cinema é tratado como indústria — mas uma indústria especial, com características bem específicas. E que o papel do Pólo será o de detonador de um processo cultural latente, mas que não se dá, não acontece, exatamente porque falta apoio, falta espaço, faltam as condições para que isso aconteça.

Parece simples, não é? O Governo cria o Pólo, incentiva a produção, tenta atrair indústrias e produtoras ligadas a cinema e vídeo — e aí, com as condições estabelecidas, o processo cultural acontece, explode, e as coisas seguem seu curso. Mas, infelizmente, não é tão simples assim: as pessoas insistem em só enxergar o imediato, o interesse mesquinho e pessoal. Insistem em não perceber que o importante é o caldo de cultura que possibilitará uma explosão criativa, que o importante é a garantia de que a mão-de-obra será formada em Brasília, diretamente ligada ao Pólo, no nível médio através do Senac e do Senai, e no nível superior através da UnB.

Pouco importa se o diretor contemplado com os recursos do Pólo será "A" ou "B", se ele nasceu em Brasília ou em Juazeiro do Norte, se ele tem olhos azuis ou castanhos, se ele é gordo ou magro. O importante é que o Pólo será o detonador de todo um processo criativo, que terá lugar em Brasília, capital de todos os brasileiros, formando mão-de-obra em Brasília e abrindo espaço para gente de Brasília se expressar.

Criar uma reserva de mercado para os cineastas de Brasília seria um retrocesso, uma leviandade, uma mesquinha — e certamente inviabilizaria o Pólo, porque mataria o futuro. O GDF, com o Pólo, não está pensando no imediato, mas no que virá, desde que criadas as condições para que o processo cultural seja detonado. Isso é que é importante. A Câmara Legislativa, com certeza, saberá ver na frente, projetar para o futuro, além dos interesses pessoais imediatistas.

Que o Pólo de Cinema e Vídeo seja um pólo de criação, parteiro do futuro, não escravo de interesses menores.

25 JUN 1991

JORNAL DE BRASÍLIA